Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Reminiscências da Rua do Sapo

No tempo em que minha família veio de Brumado para Serra Negra, meu pai alugou uma casa na conhecida Rua do Sapo. Na verdade, aquela rua nunca foi oficialmente do Sapo; começou como Rua 14 de Julho e, na década de cinquenta, teve seu nome mudado para Rua Luiz Rielli, em homenagem ao empresário que perdeu a vida em lamentável acidente, acontecido numa construção naquela rua.

Então, por que Rua do Sapo? Segundo a história, até 1929, nos terrenos onde hoje existe aquela rua ficavam os quintais das casas do lado esquerdo da Rua Coronel. Eram longos quintais com hortas de verduras, onde, nas noites quentes, centenas de sapos apareciam para se alimentarem de lesmas, besouros, grilos e outras pragas. E, mesmo depois de aberta a rua, muitos daqueles batráquios teimavam em aparecer por lá nas noites de calor. Daí, Rua do Sapo.

Rua Luiz Rielli, tradicionalmente conhecida como Rua do Sapo | Arquivo de Nestor Leme

No tempo em que minha família morou por lá, eu ainda não era nascido, mas, com o passar do tempo, aquela rua foi parte importante de minha vida, pois trabalhei muitos anos na Rua do Sapo. Porém, na nossa infância, já vivíamos por lá, comandando a turma da molecada da Rua Visconde, quando atacávamos a turma da Rua do Sapo, armados de estilingues, nas famosas guerras de mamonas daquele tempo.

É lá assim até que, no dia 28 de setembro do ano de 1960, cheguei à Rua do Sapo para trabalhar na Radial, onde fiquei por 17 anos; um ano e pouco na Primor, do Aridio Martins, e depois quatro anos na Fábrica de Artesanato Lindvi, do meu saudoso amigo Lindeberg Leda.

Bem no início destas histórias da Rua do Sapo, eu ainda era solteiro, mas, quando encerrei meu tempo por lá, já tinha casado com a Alice e tínhamos nossos filhos, Ariel e Audrey. Tinha vivido mais de vinte anos trabalhando em firmas na Rua do Sapo.

E, nestes longos anos em que trabalhei naquela rua, foram tempos de muitos acontecimentos e de muitas lembranças, sendo que uma das que mais me recordo é a história da Discotec Street Frog, ou seja, da Discoteca da Rua do Sapo, que foi mais ou menos assim:

Estávamos nos anos oitenta, quando as discotecas estavam a todo vapor por todos os cantos do mundo, e não foi diferente com a molecada da Rua do Sapo. Era uma molecada unida nas brincadeiras, pois a maioria deles era nascida ali. E, dentre estes, estava o Eduardo Biscuola, que conseguiu de Dona Lázara de Abreu a liberação de um apartamento vago no prédio da família, para que a molecada – no meio dos quais estavam os dois filhos de Dona Lázara, Alexandre e David – montasse ali uma discoteca, para armarem uns bailinhos.

O Eduardo trabalhava como nosso ajudante na Lindvi e pediu ao Edno Del Buono e a mim que o ajudássemos na instalação da parafernália da discoteca. Trabalho que aceitamos com gosto, só para infernizar a vida do Ledinha, que era muito brincalhão.

Foi num sábado que ficamos horas instalando o som e as lâmpadas coloridas da discoteca. E, com tudo pronto, ao anoitecer começaram a chegar os convidados, e logo a iluminação foi acesa. Quando ligaram o som que iria animar o ambiente, o prédio tremeu com o volume vindo de duas caixas acústicas ligadas a um aparelho marca Polivox, cuja música podia ser ouvida a centenas de metros.

Assim que o som estourou, o patrão Ledinha, que cochilava no sofá do apartamento em frente, quase caiu de susto. Foi até a porta e, vendo o que acontecia, sorrateiro, foi até a caixa de força do prédio e retirou os fusíveis da chave, deixando a discoteca no escuro.

Como a molecada não desconfiava do porquê da falta de energia, ficaram no choro, mas logo começaram a ir embora, resmungando. Assim, a Discoteque Street Frog encerrou as atividades no dia de sua inauguração, pois o Ledinha, já na manhã do domingo, ordenou que todo o sistema da discoteca fosse desativado.

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Aprendendo com os ditados

Ah! Os ditados... são tantos e exprimem tantas situações da vida. Quando penso em ditados, minha mente se volta imediatamente para minha mãe e para o quadro pintado em óleo sobre madeira de 1540, onde Pieter Bruegel retrata cenas dos ditados. Muitos deles eram famosos na época e não chegaram até nós; já outros, são usados até hoje. O quadro, que parece um compilado de loucuras, é uma relíquia, com suas críticas à sociedade da época.

"Provérbios holandeses", de Pieter Bruegel (1540) | Ilustração

Minha mãe, quando era viva, começou a compilar os ditados, e lembrava de alguns em alemão, outros em italiano e, lógico, muitos em português. Queria ilustrar um livreto para ela e, agora, talvez consiga fazê-lo, preservando mais uma das muitas artes em que minha mãe - e minha tia - se aventuravam. Elas foram resilientes, enveheceram buscando fazer pequenas diferenças, poesias, escritas, pinturas, histórias e sempre a palavra amiga ou alguma travessura com os netos. Voltavam todos cheios de carrapato dos passeios pelas campinas serranas e cachoeiras; levava meus filhos para aprender a dirigir, e para muitas jogatinas. Eram algumas das muitas traquinices que ela conduzia. Eu falo que ela conduzia, pois ela voltava feliz e satisfeita de vê-los aprontarem. O riso e o brilho no olhar permaneceram para sempre. Elas eram felizes.

Infelizmente, a vida vai se extinguindo e, "para morrer, basta estar vivo"; e "quem nasce, está condenado a morrer". Para tudo na vida temos ditados, e eles vêm cheios de sabedoria, ironia, alertas e, muitas vezes, um toque de humor. Esses ditados fazem parte do nosso cotidiano, nascem das experiências dos seres humanos e, assim, acabam por explicar situações da vida.

Eles, inclusive, já foram uma forma de transmissão de conhecimento: quando as pessoas aprendiam de forma oral, os ditados eram usados para ensinar algo. São curtos e fáceis de memorizar e, por isso, levavam ao ouvinte pequenos ensinamentos. "Depois da tempestade vem a bonança" - vem para acalmar os momentos difíceis; "Cada um colhe o que planta" - procura estimular as pessoas a serem corretas e produtivas para poderem colher boas coisas; "O mundo dá voltas" - como quem diz: "hoje você está por cima, amanhã serei eu"; "O que é justo tarda, mas não falha" - para acreditar que o certo prevalecerá.

Os ditados são mestres populares; vêm simples e diretos. Se quiser um que fale de amor: "Quem ama cuida"; outro que fale de amizade: "Quem tem um amigo fiel, tem um tesouro"; relacionado ao trabalho: "Deus ajuda quem cedo madruga"; sobre honestidade: "Caráter vale mais que dinheiro"; "Quem rouba a amizade, revela a própria pobreza" e por aí afora. Os ditados foram ensinando e incutindo aprendizados. Mas é pena que, mesmo de forma tão fácil e simples, muitas pessoas nada aprendem.

Hoje, sem os sorrisos e olhares brilhantes de minha mãe e tia, o amor delas está em mim para sempre. E mesmo nos momentos difíceis, posso senti-las me apoiando e incentivando, afinal, "Deus não pode estar em todos os lugares, por isso fez as mães".

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

"Meliantes" x "Bombeiros": Que vença a arte!

Dizem que o teatro de rua é a arte suprema de domar o caos! Na recente apresentação da peça "Os Meliantes do Cortiço 9", escrita e dirigida pela querida Dalila Praxedes Frazão, o desafio não era apenas o burburinho natural da cidade; era uma verdadeira guerra acústica... De um lado, a poesia visceral da Cia. Raízes da Alma a ocupar o palco com dignidade. Do outro, um restaurante próximo que decidiu transformar o ato de servir drinques em um simulado de desastre ambiental, disparando berros de "BOMBEIRO!" a cada novo pedido.

Para quem navega no espectro autista, a vida não possui um botão de volume. Convivo com a hiperacusia, uma hipersensibilidade que faz com que meu cérebro não consiga filtrar ou "abaixar" os sons do mundo; ele os recebe em estado bruto e, muitas vezes, fisicamente doloroso.

Enquanto eu tentava mergulhar na narrativa de Dalila, meu sistema nervoso era bombardeado por granadas sonoras. Fiz as contas – e meus ouvidos confirmaram o cálculo: três garçons berrando juntos atingem aproximadamente 95 decibéis (a unidade que mede a intensidade do som). Para se ter uma ideia, isso equivale a uma furadeira industrial ou uma serra circular operando ao lado da sua poltrona. É o que chamamos de ruído de impacto, um som brusco que aciona o nosso modo de "luta ou fuga" instantaneamente.

A ironia é digna de uma comédia de costumes. A poucos metros dali, a Cia. Raízes da Alma projetava vozes e corpos para manter a "quarta parede" – aquele limite invisível entre atores e público - buscando superar o berreiro alheio. Deu certo, pois, ao final, a platela de cerca de cem pessoas, explodiu em aplausos entusiasmados. Sabe quantos decibéis duzentas mãos batendo produzem? Cerca de 85 dB. Ou seja: o esforço coletivo de dezenas de seres humanos para celebrar a arte ainda é mais silencioso e harmonioso do que o marketing agressivo de sujeitos servindo um drinque. O aplauso é um som percussivo, espalhado e orgânico, enquanto o berro do restaurante é uma invasão de espaço que ninguém deveria ser obrigado a consumir.

Já vivemos esse mesmo "incêndio sonoro" quando o nosso Ponto de Cultura ReArte apresentou o espetáculo de Sereismo, com canto, dança e exposição, na mesma praça. Parece que a etiqueta cultural - aquele conjunto de regras de convivência que garante a imersão na obra - ainda luta para ser compreendida em espaços abertos.

O teatro de rua é democrático, sim, mas exige bom senso para que a "magia" não seja assassinada por um "spam sonoro". Para o meu cérebro, ocorre o que a acústica chama de recrutamento auditivo, quando um pequeno aumento no volume é percebido como um salto gigantesco de dor física. Minha cabeça vira uma bigorna e o grito alheio é o martelo.

Felizmente, nem os pseudos-"bombeiros" conseguiram apagar a verdadeira chama que iluminou a praça: o talento dos "Meliantes" no palco! No teatro, o silêncio não é um vácuo, mas uma prece à espera de uma resposta. E a única quebra de protocolo que realmente importa - e que é imensamente bem-vinda – é o trovão dos aplausos, aquele som orgânico que não agride, mas agradece.

E, é para essa harmonia que convido a todos para o nosso próximo encontro no Museu ReArte. No dia 9 de março, às 19h, abriremos as portas para "A Era de Ouro do Cinema", com a presença do nosso arquivista da alma, Nestor Leme. Vamos trocar o ruído dos 95 decibéis pelo brilho silencioso dos clássicos cartazes de cinema e pelos "causos" de uma época em que a criatividade não precisava berrar para conquistar.

Aplausos para "Os Meliantes do Cortiço 9"
Ilustração: Henrique Vieira Filho

104,5 fm SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

"Meliantes" x "Bombeiros": Que vença a arte!

Dizem que o teatro de rua é a arte suprema de domar o caos! Na recente apresentação da peça "Os Meliantes do Cortiço 9", escrita e dirigida pela querida Dalila Praxedes Frazão, o desafio não era apenas o burburinho natural da cidade; era uma verdadeira guerra acústica... De um lado, a poesia visceral da Cia. Raízes da Alma a ocupar o palco com dignidade. Do outro, um restaurante próximo que decidiu transformar o ato de servir drinques em um simulado de desastre ambiental, disparando berros de "BOMBEIRO!" a cada novo pedido.

Para quem navega no espectro autista, a vida não possui um botão de volume. Convivo com a hiperacusia, uma hipersensibilidade que faz com que meu cérebro não consiga filtrar ou "abaixar" os sons do mundo; ele os recebe em estado bruto e, muitas vezes, fisicamente doloroso.

Enquanto eu tentava mergulhar na narrativa de Dalila, meu sistema nervoso era bombardeado por granadas sonoras. Fiz as contas – e meus ouvidos confirmaram o cálculo: três garçons berrando juntos atingem aproximadamente 95 decibéis (a unidade que mede a intensidade do som). Para se ter uma ideia, isso equivale a uma furadeira industrial ou uma serra circular operando ao lado da sua poltrona. É o que chamamos de ruído de impacto, um som brusco que aciona o nosso modo de "luta ou fuga" instantaneamente.

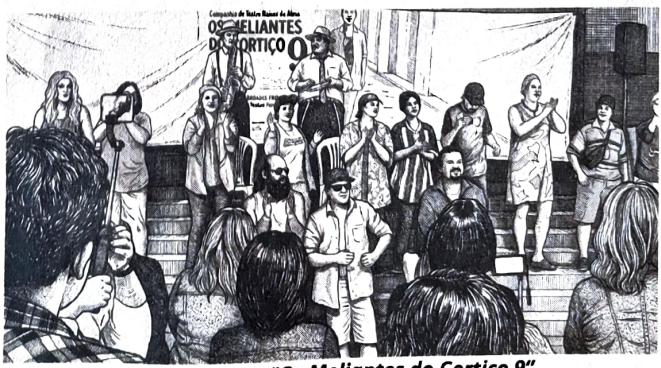
A ironia é digna de uma comédia de costumes. A poucos metros dali, a Cia. Raízes da Alma projetava vozes e corpos para manter a "quarta parede" – aquele limite invisível entre atores e público - buscando superar o berreiro alheio. Deu certo, pois, ao final, a plateia de cerca de cem pessoas, explodiu em aplausos entusiasmados. Sabe quantos decibéis duzentas mãos batendo produzem? Cerca de 85 dB. Ou seja: o esforço coletivo de dezenas de seres humanos para celebrar a arte ainda é mais silencioso e harmonioso do que o marketing agressivo de sujeitos servindo um drinque. O aplauso é um som percussivo, espalhado e orgânico, enquanto o berro do restaurante é uma invasão de espaço que ninguém deveria ser obrigado a consumir.

Já vivemos esse mesmo "incêndio sonoro" quando o nosso Ponto de Cultura ReArte apresentou o espetáculo de Sereismo, com canto, dança e exposição, na mesma praça. Parece que a etiqueta cultural - aquele conjunto de regras de convivência que garante a imersão na obra - ainda luta para ser compreendida em espaços abertos.

O teatro de rua é democrático, sim, mas exige bom senso para que a "magia" não seja assassinada por um "spam sonoro". Para o meu cérebro, ocorre o que a acústica chama de recrutamento auditivo, quando um pequeno aumento no volume é percebido como um salto gigantesco de dor física. Minha cabeça vira uma bigorna e o grito alheio é o martelo.

Felizmente, nem os pseudos-"bombeiros" conseguiram apagar a verdadeira chama que iluminou a praça: o talento dos "Meliantes" no palco! No teatro, o silêncio não é um vácuo, mas uma prece à espera de uma resposta. E a única quebra de protocolo que realmente importa - e que é imensamente bem-vinda – é o trovão dos aplausos, aquele som orgânico que não agride, mas agradece.

E, é para essa harmonia que convido a todos para o nosso próximo encontro no Museu ReArte. No dia 9 de março, às 19h, abriremos as portas para "A Era de Ouro do Cinema", com a presença do nosso arquivista da alma, Nestor Leme. Vamos trocar o ruído dos 95 decibéis pelo brilho silencioso dos clássicos cartazes de cinema e pelos "causos" de uma época em que a criatividade não precisava berrar para conquistar.



Aplausos para "Os Meliantes do Cortiço 9"
Ilustração: Henrique Vieira Filho